

RESUMO: Este artigo é um primeiro estudo de aproximação da cultura hacker com as práticas jornalísticas, pesquisa que se iniciou em março de 2013 junto ao doutorado em comunicação e informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A presença da cultura hacker tem se alastrado para diversas áreas para além de sua base inicial, o software (e a informática). Diz Sérgio Amadeu que “o software tornou-se o intermediário indispensável e cada vez mais presente em boa parte das principais atividades humanas (SILVEIRA, 2010)”. Como um dos “jogadores fundamentais da economia na sociedade da informação” (MANOVICH, 2008, p.4), o jornalismo tem se aproximado naturalmente da cultura e da ética hacker. A aproximação, num primeiro momento, dá-se pela própria lógica de trabalho de ambos, jornalistas e hackers, de “ir atrás da informação”, buscando-a em arquivos, bases de dados ou com fontes e usando-a seja para produzir uma reportagem ou para testar formatos, conexões e permissões necessários para um bom desenvolvimento de um aplicativo ou site. Este artigo busca fazer uma primeira análise da comunidade brasileira Transparência Hacker, que conta com mais de 500 integrantes e é “um espaço para que desenvolvedores web, jornalistas, designers, gestores públicos e outros indivíduos dos mais diferentes perfis proponham e articulem ideias e projetos que utilizem a tecnologia para fins de interesse da sociedade. A análise objetivou entender como conversam a cultura hacker e a prática jornalística nos sites “Queremos Saber”, “Inspetor de Interesses” e “Retrato da Violência”.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo, cultura digital, hacker, transparência, jornalismo de dados;

## 1. Introdução

As transformações no jornalismo ocasionadas pela evolução tecnológica foram retratadas em pesquisas desenvolvidas em diversos países, como, por exemplo, pioneiramente por Morgaine (1972) e Smith (1980), que descrevem as diferentes revoluções ou grandes transições vividas pela comunicação; e Fidler (1997, p.65), que define esse processo com o conceito de “midiamorfose”: “a transformação dos meios de comunicação, geralmente ocasionada pelo complexo entrecruzamento de necessidades percebidas, pressões políticas e competitivas e inovações sociais e tecnológicas” (FIDLER, 1997). No aspecto técnico, a principal dessas transformações ocorreu quando os computadores pessoais começaram a ser utilizados nas atividades em empresas jornalísticas em substituição à máquina de escrever (SMITH, 1980) e, depois, quando aconteceu a inserção dos computadores no cotidiano dos jornalistas (BALDESSAR, 2003).

Com o advento da internet na década de 1990, estas mudanças passam a ser mais complexas,

---

<sup>1</sup> Jornalista (UFSM), Mestre em Jornalismo (UFSC) e doutorando em comunicação e informação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Integrante da Casa de Cultura Digital Porto Alegre (<http://ccdpoa.com.br/>), editor do <http://baixacultura.org> e do grupo de pesquisa em Jornalismo Digital da UFRGS (Jordi). Email: [leofoletto@gmail.com](mailto:leofoletto@gmail.com)

especialmente provocadas pela liberação do polo emissor que a internet possibilitou. Como diz André Lemos (2009, p. 8), —agora, todos podem (com recursos mínimos) produzir e circular informação sem pedir autorização ou o aval a quem quer que seja (barões das indústrias culturais, intelligentsia, governos...) (LEMOS, 2009, p. 8). Os que proclamam o fim do jornalismo para a próxima semana se perguntam: se agora qualquer um pode publicar o que (aparentemente) quiser, informar sobre o que está passando em seu quintal (e nos quintais mais próximos) sem intermediários, então para que pode ainda servir o jornalismo?

Desenvolvido como instituição social ainda no século XVII, o jornalismo moderno, que é aquele que hoje (ainda) identificamos diariamente em todo o planeta, parece negar-se a desaparecer de modo tão fácil e rápido quanto sustentado por pesquisadores como Martinez Albertos (1997), Levy (1999) ou Hartley (2000, 2008), entre muitos outros. Neste trabalho, parte-se do pressuposto de que o jornalismo, como prática institucionalizada definida desde a primeira tese na área (PEUCER, 1691) e fundamentada conceitualmente por Otto Groth<sup>2</sup>, na primeira metade do século XX, vai para além das tecnologias digitais. Em vez de desaparecer devido as potencialidades oferecidas pelas novas ferramentas e meios desenvolvidos, o jornalismo se transforma, como demonstrado em vários estudos (FIDLER, 1997; MACHADO, 2000; PAVLIK, 2001; QUINN, 2002; GUNTER, 2003). Se vai se transformar a ponto de não parecer em nada ao que hoje se identifica como jornalismo é uma questão ainda em aberto.

Dentre as muitas transformações estruturais e pelas quais o jornalismo está passando, duas interessam aqui. A primeira, mais a título de contextualização para a segunda, diz respeito às atividades cotidianas do jornalista. Muito se fala que as organizações jornalísticas precisam se transformar para se “adaptar aos novos tempos”, mas é certo que seus profissionais também; como diz Salaverría (2012),

“no se pueden gestionar medios del siglo XXI con rutinas profesionales del XX. Y hoy día muchos periodistas perpetúan procesos de trabajo y mentalidades profesionales ancladas en un tiempo pasado. Sorprende que tantos periodistas, a pesar de estar acostumbrados por su trabajo a enfrentarse con lo más novedoso, sean al mismo tiempo tan refractarios a renovar sus propios modos de trabajar.” (SALAVERRÍA, 2012, p.14).

Nos estudos de mudanças nas atividades dos jornalistas, o jornalista e pesquisador Andre

---

2 A obra de Groth a que se refere aqui é aquela apresentada em espanhol por Faus Belau (1966) e em português por Berger e Marocco (2006). Outra reflexão sobre o tema encontra-se em *Die unerkannte culturmacht. Grudlegung der zeitungswissenschaft* (O desconhecido poder da cultura: fundamentação da ciência jornalística), estudo em seis volumes que começou a ser publicada em 1960 e que ocupou o pesquisador alemão até sua morte, cinco anos depois. Infelizmente, esta obra não se encontra traduzida para nenhuma outra língua que não o alemão, o que dificulta o estudo em escala mundial da teoria jornalística de Groth.

Deak (2011) tratou de detalhar alguns processos emergentes de jornalismo na internet, “novas” ocupações que, segundo sua pesquisa, estão retomando e ampliando o conceito do “novo jornalismo” popularizado nos Estados Unidos das décadas de 1950 e 1960 por nomes como Tom Wolfe e Gay Talese, que misturava técnicas narrativas oriundas da literatura com apuração implacável de informações.

A partir de entrevistas com oito profissionais brasileiros identificados com estes processos emergentes e que, em geral, lidam com produtos “especiais”, dentro de grandes portais multimídias ou de forma independente, Deak propõe uma primeira sistematização destes “novos jornalistas” em seis nomenclaturas, a saber: *jornalista programador*, *jornalista especialista em bancos de dados*, *gestor / editor de mídias sociais*, *jornalista multimídia*, *produtor web* e *jornalista empreendedor* (DEAK, 2011). Destas seis, *jornalista programador* e *jornalista especialista em banco de dados* são as que mais interessam aqui, porque, possivelmente, são elas que estão mais se aproximando com a cultura que se originou em torno da denominação “hacker”, que se detalha nos parágrafos seguintes.

## **2. Cultura hacker e jornalismo: uma aproximação teórica**

Uma das quatro camadas da chamada cultura da Internet – as outras três são os cientistas (a tecnomeritocrática), a comunitária virtual e a empresarial (CASTELLS, 2003, p.34-35) – os hackers<sup>3</sup> são um dos principais responsáveis pela ideologia da liberdade amplamente disseminada pela rede. O professor Sérgio Amadeu da Silveira diz que “na matriz do pensamento hacker está enraizada a ideia de que as informações, inclusive o conhecimento, não devem ser propriedade de ninguém, e, mesmo se forem, a cópia de informações não agride ninguém dada a natureza intangível dos dados” (SILVEIRA, 2010, p.25).

Ao relacionarmos o pensamento hacker com o jornalismo, surge uma oposição aparente: a de que a informação não deve ser propriedade de ninguém. O jornalismo tem como matéria-prima básica a informação, quanto mais inédita melhor, quanto de fonte mais “exclusiva”, mais difícil de obter e mais valiosa. Estaria aí uma prova de que jornalistas e os hackers estão em lados opostos e, por princípios, não conversam, sob o risco de falência econômica das instituições jornalísticas?

Não é uma constatação tão fácil de fazer. A presença da cultura hacker tem se alastrado para diversas áreas para além de sua base inicial, o software (e a informática). Diz Sérgio Amadeu que “o

---

3 Segundo Christofolletti (2008), os primeiros hackers surgiram na década de 1950. “Na época, professores e alunos do Instituto de Tecnologia de Massachussets (MIT) passaram a usar o termo “hacker” para descrever pessoas com grande habilidade técnica na informática. (...) Além de hábeis, os hackers eram criativos e apaixonados pela solução de problemas. Eram autodidatas e curiosos, varavam a noite trabalhando e se entusiasmavam com as novidades que criavam” (CHRISTOFOLETTI, 2008, p.103).

software tornou-se o intermediário indispensável e cada vez mais presente em boa parte das principais atividades humanas” (SILVEIRA, 2010). Já Lev Manovich afirma que “os 'trabalhadores do conhecimento', as 'indústrias criativas' e as 'indústrias de serviço' - todos esses jogadores fundamentais da economia na sociedade da informação - não podem existir sem o *software*” (MANOVICH, 2008, p.4, grifos do autor). É natural, então, que a cultura da liberdade ampla e irrestrita dos hackers venha de carona com esse crescimento da importância do software no cotidiano global.

Como um desses “jogadores fundamentais da economia na sociedade da informação”, o jornalismo tem se aproximado naturalmente da cultura e da ética hacker. A aproximação, num primeiro momento, dá-se pela própria lógica de trabalho de ambos, jornalistas e hackers, de “ir atrás da informação”, buscando-a em arquivos, bases de dados ou com fontes e usando-a seja para produzir uma reportagem ou para testar formatos, conexões e permissões necessários para um bom desenvolvimento de um aplicativo ou site. Como explica o jornalista Alexandre Matias, editor do Caderno Link do jornal O Estado de São Paulo, ao falar sobre o “Hackatão<sup>4</sup>” - uma maratona hacker de 24h realizada em parceria do jornal e da Comunidade Transparência Hacker -, há uma brecha que as aptidões dos dois profissionais somadas podem preencher:

Ao aproximar os dois profissionais, abrimos a possibilidade de esmiuçar bancos de dados com o mesmo rigor que fazia parte da pesquisa daquele velho jornalista, sem correr o risco de falha humana ou de lidar com pilhas de papéis e pastas de documentos (haja poeira!). Com os dados digitalizados, basta usar os recursos da ciência da computação para chegar a cruzamentos e resultados que levariam dias – talvez meses – para serem apurados (MATIAS, 2012, online).

A decorrência dessa aproximação entre jornalistas e hackers no âmbito do trabalho pode ser desdobrada em pelo menos outros dois aspectos:

a) *institucional*, realizada tanto por organizações nascidas com esse propósito quanto em núcleos especializados em dados formados dentro de redações jornalísticas. No primeiro caso, existe o exemplo da organização *HacksHackers*, lançada no final de 2009 nos Estados Unidos para fazer a ponte de comunicação entre jornalistas (que fazem *hacks* de informação) e profissionais de tecnologia da informação (hackers), que, em sua recente filial brasileira, organizou um último encontro em agosto de 2012, no auditório da Folha de S. Paulo<sup>5</sup>. No segundo, há pelo menos dois

---

4 O Hackatão foi realizado no dia 24 de junho de 2012 na sede do Estadão, em São Paulo. O evento reuniu jornalistas, designers, programadores e estudantes por 24 horas para criar aplicações que facilitem o acesso e a compreensão de dados públicos. Mais informações podem ser vistas no blog do evento: <http://blogs.estadao.com.br/hackatao/>

5 Segundo a descrição na página oficial (<http://hackshackers.com/>), o *Hacks/Hackers* é um grupo para hackers que

bons exemplos nacionais: o Estadão Dados<sup>6</sup>, núcleo formado na editoria de política do jornal O Estado de São Paulo para um trabalho aprofundado de busca e visualização de dados com o intuito de produzir reportagens e especiais multimídia; e o ZH Dados<sup>7</sup>, do jornal Zero Hora.

b) *ética*, que talvez seja o que interesse mais por aqui. Pekka Himanen (2002) se refere a uma “ética hacker”, suportada por preocupações como a paixão pelo trabalho, a generosidade no compartilhamento das informações e saberes, a depuração de erros, a resolução de problemas e a transparência de fontes e processos. Pau Contreras (2004) compila alguns preceitos do que vem sendo considerado princípios da ética hacker desde Stephen Levi (2001) e os organiza em seis princípios, a saber:

- 1) toda la informacción debe ser libre
- 2) el acceso a los ordenadoras (y a todo aquello que nos pueda enseñar algo acerca de cómo funciona el mundo) debe ser ilimitado y total;
- 3) desconfía de la autoridad. Promove la descentralización;
- 4) un hacker debe ser valorado por sus “hacks”, no por criterios como la titulación académica, la raza o la posición social;
- 5) un hacker pode crear arte y belleza con un ordenador;
- 6) los ordenadores poden mejorar nuestras vidas (CONTRERAS, 2004, p.33-34).

Já a antropóloga Gabriella Coleman, em seu trabalho mais recente (2013), define os hackers como “computer aficionados driven by an inquisitive passion for tinkering and learning technical systems, and frequently committed to an ethical version of information freedom” e, como principais características do grupo, a subscrição a ideais de liberdade de acesso à informação, que levam a uma ética de compartilhamento, e a apropriação de tecnologias, no sentido de compreender seu funcionamento e desenvolver a capacidade de modificá-las, para benefício próprio ou coletivo. Coleman chegou a estas características a partir de um estudo etnográfico com hackers envolvidos no movimento open source e as apresenta no livro “Coding Freedom: The Ethics and Aesthetics of Hacking”.

Ao relacionar a ética hacker com a ética jornalística, Christofolletti e Karam (2011) dizem que é possível intuir que gradativamente

---

exploram tecnologias para filtrar e visualizar informações, e para os jornalistas que usam a tecnologia para encontrar e contar histórias.

6 O núcleo tem um Twitter oficial (<http://estadaodados.herokuapp.com/html/basometro/>) e produziu um grande especial multimídia chamado “Basômetro”, uma espécie de linha do tempo que permite ver o comportamento dos parlamentares ao longo das votações no Congresso

7 Site do ZH Dados: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/pagina/zh-dados.html>

a ética jornalística tradicional possa se “contaminar” por valores da ética hacker, já que alguns valores de lado a lado encontram certo parentesco. Note-se, por exemplo, que já se fala em jornalismo de código aberto, aquele em que o repórter oferece ao leitor também quais foram suas fontes e procedimentos de apuração. Na encruzilhada dos valores, transparência se traduz como accountability e como abertura de processos. Bem como se pode perceber proximidades entre o gesto de compartilhar arquivos e conteúdos on-line com o do jornalista tradicional de tornar públicas situações de interesse coletivo. Mesmo que o primeiro ato possa se contrapor a direitos autorais ou viole a propriedade intelectual, seus defensores argumentam que conhecimento e informação são públicos e devem circular sem óbices. O interesse público e as preocupações coletivas reuniriam raízes comuns de um gesto e de outro, sobrepondo-se a direitos individuais e particulares (CHRISTOFOLETTI & KARAM, 2011, on-line, grifo dos autores).

Dentre estes princípios da ética hacker que têm uma aproximação mais forte com a prática jornalística, vale destacar aqui um que, apesar de não assinalado entre os seis destacados por Contreras, está por trás de todos: a transparência. Como diz Sérgio Amadeu, “a cultura e a ética de grande parte dos hackers, principalmente os vinculados ao desenvolvimento de softwares de código fonte aberto, incentivam a emancipação individual do conhecimento” (SILVEIRA, 2010, p. 38). Esta emancipação se daria, entre outros aspectos, pelo princípio da transparência do código fonte, pois é através dele que outra pessoa poderá saber quais os procedimentos foram realizados pelo desenvolvedor para criar o programa – e, quando se trata de um software livre, aprimorar e adaptá-lo ao seu conteúdo e função.

No jornalismo, a transparência tem sido discutida e questionada nos últimos anos. A prática do “jornalismo de código aberto” citada por Christofolletti e Karam é uma daquelas em que se abrem os processos para que outros também os utilizem – o que tem sido facilitado pelos próprios mecanismos de funcionamento da rede. A prática usual (infelizmente não tanto entre jornalistas<sup>8</sup>) na rede de indicar o caminho pelo qual determinada informação chegou ao jornalista através de links - exercício que se constituiu como *modus operandi* dos blogs, por exemplo – apresenta-se como um preceito ético hacker que se propagou, principalmente devido às possibilidades (e facilidades) de se deixar “rastro” na internet em comparação ao mundo “offline”.

Revelar o “percurso” obtido na busca da informação é como revelar o código fonte do software. É emancipar o outrora usuário consumidor de informação para que ele seja também construtor do fluxo contínuo de produção jornalística e para que, assim, aprimore, cruze e modifique de acordo com suas necessidades a informação obtida. Continuando no paralelo entre jornalismo e software, pode-se dizer que a prática de “código aberto” nas duas áreas revela, para quem quiser saber, quais são os interesses e os desejos que o jornalista (e desenvolvedor) utiliza na

8 Para mais informações, ver Foletto (2009), a partir da p. 106.

hora de selecionar as informações de que dispõe e veiculá-las na reportagem (ou organizá-las em um código-fonte).

O pesquisador Marcelo Träsel, em artigo do início deste ano (TRÄSEL, 2013), traz outros pontos de aproximação da cultura hacker com a cultura jornalística. Marcelo está realizando uma investigação antropológica com jornalistas em núcleos de jornalismo guiado por dados<sup>9</sup> de grandes jornais e, como resultado prévio de sua pesquisa, identifica três pontos de aproximação entre a cultura hacker e este tipo de jornalismo, a saber:

- 1) a valorização da liberdade de informações;
- 2) a prática do autodidatismo;
- 3) a disposição para o trabalho colaborativo em conjunto com uma coletividade de participantes.

Estes três pontos de aproximação, ainda que resultados de um estudo prévio, são aqui utilizados para um começo de análise de produtos da comunidade brasileira Transparência Hacker.

### **3. Transparência Hacker: jornalismo/ativismo do it yourself**

A comunidade Transparência Hacker é, segundo a descrição em sua página (<http://thacker.com.br/>), “um espaço para que desenvolvedores web, jornalistas, designers, gestores públicos e outros indivíduos dos mais diferentes perfis proponham e articulem ideias e projetos que utilizem a tecnologia para fins de interesse da sociedade. Trabalhamos primariamente com dados governamentais abertos, promovendo ações que evidenciam a importância desses dados e fazendo pressão para que os organismos do governo brasileiro adotem a mesma medida de liberação de dados públicos em formatos abertos”. Acima de tudo, conclui a descrição da comunidade, “provocamos e buscamos evidenciar questões sociais e políticas através da ressignificação de informações existentes, mas que ainda são de difícil acesso para a sociedade em geral”. Conta hoje com mais de 800 membros em sua lista de e-mails e se encontra periodicamente em eventos de terceiros ou em “hackdays<sup>10</sup>” organizados por eles.

9 O autor explica que “o termo Jornalismo Guiado por Dados (JGD) compreende diversas práticas profissionais, cujo ponto em comum é o uso de dados como principal fonte de informação para a produção de notícias.” (TRASEL, 2013, online)

10 Os “hackdays” são maratonas de trabalhos, geralmente realizadas em um ou dois dias, em que diversas pessoas se reúnem para buscar informações – normalmente sobre um conteúdo específico – e produzir sites ou softwares que dêem contextos, visualizações interessantes e proporcionem cruzamentos entre estes dados. Mais informações sobre um desses “hackdays” realizado no Brasil neste endereço: <http://blog.esfera.mobi/2010/11/29/press-release-transparencia-hacker-lidada-maratona-internacional-de-dados-abertos-em-sao-paulo/>

Entre uma série de aplicativos e sites que produziram nos últimos anos, destacamos aqui três deles: Queremos saber, Inspetor de Interesses e Retratos de Violência<sup>11</sup>. O primeiro é um site que lista os contatos de mais de 5 mil órgãos públicos e, assim, facilita a vida de quem precisa requisitar algum documento ou dados importantes. A ideia de criação da página surgiu com a sanção da Lei do Acesso à Informação, em 18 de novembro de 2011, que obriga a divulgação de dados do governo para o público. Basta que o usuário acesse o site e escolha o órgão que quiser, enviando a solicitação. Quando esta for respondida, o solicitante recebe a notificação por email, e a informação é publicada no site<sup>12</sup>.

O Inspetor de Interesses é um site que busca visualizações dos temas de interesse dos vereadores da Câmara Municipal de São Paulo, baseado nas categorias atribuídas pela SGP4 (Secretaria de Documentação) às proposições de leis apresentadas por vereadores e vereadoras da cidade, de 1948 até 2012. Já o Retrato da Violência é um projeto (site) que propõe visualizações do número de casos de violência contra a mulher no estado do Rio Grande do Sul a partir de cidades, anos, períodos do dia e local. O site foi construído a partir de dados disponibilizados pelo Governo do RS através do portal de transparência, no período de janeiro de 2006 a abril de 2012 (última atualização 16/05/12).

Os três pontos identificados por Träsel - valorização da liberdade de informações, prática do autodidatismo e disposição para o trabalho colaborativo em conjunto com uma coletividade de participantes – estão presentes na elaboração dos projetos citados. Foram sites construídos em trabalho colaborativo da comunidade, seja através de eventos presenciais como os Hackatons (caso do Inspetor de Interesses) ou trabalho via rede, como os outros dois. Todos os sites também trabalham com a valorização da liberdade de informação – ademais, é precisamente para este fim que foram construídos: buscar informação pública disponibilizada na rede, cruzá-las com outros dados e apresentá-las de alguma forma, seja através de uma busca simples, como é o caso do Queremos Saber, ou em um infográfico multimídia, caso do “Retratos da Violência”.

O terceiro ponto, o autodidatismo, é o que suscita mais questionamentos. Todos os sítios foram produzidos de maneira independente, *do it yourself*, sem a vinculação com uma empresa jornalística mas sim com os esforços de uma comunidade de profissionais – desenvolvedores, designers, programadores, advogados e jornalistas, entre outros. Portanto, foram produzidos de maneira *autodidata*, através dos conhecimentos de um conjunto de pessoas, sem algo que pudesse

---

11 Os endereços dos sites são <http://www.queremossaber.org.br/>, <http://apps.thacker.com.br/inspetor-interesses-cmsp/> e <http://retratodaviolencia.org/RS>, respectivamente.

12 Mais informações sobre a Lei de Acesso à informação em <http://www.acessoainformacao.gov.br/acessoainformacao.gov/>.



caracterizar uma relação *profissional*. Partindo desta ideia, como considerar jornalístico os três sítios se não foram produzidos de acordo com as rotinas de produção jornalística? Não seriam os três casos mais próximos a plataformas de auxílio a cidadania do que propriamente ao jornalismo?

São questionamentos que nos remetem fatalmente a um conceito do que é jornalismo, o que num mundo cambiante como o de hoje é uma questão de difícil definição. Como se está começando o trabalho, acredita-se que o próximo passo da investigação é, justamente, identificar semelhanças nas práticas jornalísticas com as utilizadas para produzir sites como os aqui analisados. Parte-se da hipótese de que, se estes sites analisados não são jornalísticos, pelo menos colaboram com a exposição do processo de produção do jornalismo que busca publicar informações de interesse público, na medida em que mostram, para quem quiser ver, como o material bruto, dados públicos que são disponibilizados na rede, podem ser cruzados com outros e apresentados de uma forma interessante. Da exposição deste processo para sua replicação com resultados diferentes dos inicialmente obtidos, e o posterior questionamento se “isso é jornalismo ou não”, é um “pulo” - especialmente para quem é hacker, que tem por ética de trabalho “combinar paixão com liberdade” (HIMANEN, 2002) em busca de um objetivo específico.

### Referências Bibliográficas

ALSINA, Miguel Rodrigo. *La construcción de la noticia*. 3º ed. Buenos Aires; Paidós, 2005.

BALDESSAR, Maria José. *A mudança anunciada: o cotidiano dos jornalistas com o computador na redação*. Florianópolis: Insular, 2003.

BARBOSA, Suzana. Modelo *JDBD e o ciberjornalismo de quarta geração*. Paper apresentado no GT 7 - *Cibercultura y Tendencias de la Prensa en Internet, do III Congreso Internacional de Periodismo en la Red. Foro Web 2.0: Blogs, Wikis, Redes Sociales y e-Participación, Facultad de Periodismo, Universidad Complutense de Madrid (Espanha), 23 e 24 de Abril de 2008. Disponível em <[http://www.facom.ufba.br/JOL/pdf/2008\\_Barbosa\\_RedUCMx.pdf](http://www.facom.ufba.br/JOL/pdf/2008_Barbosa_RedUCMx.pdf)>*

\_\_\_\_\_ (org.). *Jornalismo Digital de Terceira Geração*. Labcom; Covilhã (Portugal), 2007.

BARRERA, Carlos (org.). *História Universal Del periodismo*. Barcelona; Ariel, 2008.

BERGER, Christa. MAROCCO, Beatriz (Orgs.). *A era glacial do jornalismo – teorias sociais da imprensa: pensamento crítico sobre os jornais*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

BORRAT, Héctor. FONTCUBERTA, Mar de. *Periódicos: sistemas complejos, narradores en interacción*. Buenos Aires; La Crujía, 2006.

BRUNS, Axel. *Gatewatching: colaborative online news production*. New York; Peter Lang, 2005.

\_\_\_\_\_. *Blogs, Wikipedia, Second Life and Beyond: From Production to Producership*. New York; Peter Lang, 2008.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em Rede – A era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*. Vol. 1. Paz e Terra, São Paulo, 1999.

COLEMAN, Gabriella. *Coding freedom: the ethics and aesthetics of hacking*. Woodstock: Princeton University Press, 2013. Livro eletrônico.

CONTRERAS, Pau. *Me Llamo Kofham: Identidad Hacker: una aproximación antropológica*. Barcelona, Gedisa, 2004.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. KARAM, Francisco José. *Fundamentos jornalísticos para novos cenários éticos da informação*. In: *Jornalismo Contemporâneo: figurações, impasses e perspectivas*. SILVA, Gislene. KUNSCH, Dilma A BERGER, Christa. ALBUQUERQUE, Alfonso orgs.). Edufba/Compós, Salvador/Brasília 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/1586/1/Jornalismo%20contemporaneo.pdf> Acesso em 18 jul. 2012

DEAK, Andre. *Novos Jornalistas do Brasil: casos de processos emergentes do jornalismo na internet*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, agosto 2011. Disponível em: <http://issuu.com/andredeak/docs/mestradoeca2011> Acesso em: 07 fev. 2012

DÍAZ NOCI, Javier; SALAVERRÍA, Ramón. *Manual de Redación Ciberperiodística*. Barcelona: Ariel, 2003.

FIDLER, Roger. *Mediamorphosis: Understand New Media*. Thousand Oaks; Pine Forge Press, 1997.

FOLETTTO, Leonardo. *O Blog jornalístico (Definição e Características na Blogosfera Brasileira)*. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, agosto 2009.

FRIEND, Cecília. SINGER, Jane B. *Online Journalism ethics: Traditions and transitions*. London: M.E. Sharpe, 2007.

GENRO FILHO, Adelmo. *O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre: Tchê!, 1987.

GOMÍS, Lorenzo. *Teoría del Periodismo: como forma el presente*. Barcelona: Paidós, 1991.

GILLMOR, Dan. *We the Media: Grassroots Journalism: By the People for the People*. Sebastopol; O'Reilly Press, 2004.

GUNTER, Barrie. *News and the net*. Mahwah; Lawrence Erlbaum Associates, 2003.

HIMANEN, Pekka. *La ética del hacker y el espíritu de la era de la información*. Traducción de Ferran Meler Ortí. Barcelona: Destino, 2002.

JENKINS, Henry. *Convergence culture: where old and new media collide*. New York University, New York, 2006.

JOHNSON, Steven. *Cultura da interface*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.

LEMOS, André. Prefácio (p.7-21). IN: AMARAL, Adriana. MONTARDO, Sandra. RECUERO, Raquel (orgs.). *Blogs.com: Estudos sobre blogs e comunicação*. São Paulo; Momento editorial, 2009. Disponível em: <<http://www.sobreblogs.com.br>> Acesso em: 9 jun. 2011.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

\_\_\_\_\_. *O que é o virtual?*. São Paulo: 34, 1997.

LEVI, Steven. *Hackers: Heroes of the computer revolution*. New York, Penguin Books, 2001.

KARAM, Francisco José. *A ética jornalística e o interesse público*. São Paulo; Summus, 2004.

\_\_\_\_\_. *Jornalismo, ética e liberdade*. São Paulo; Summus, 1997.

KOVACH, Bill. ROSENSTIEL, Tom. *Os Elementos do Jornalismo: O que os profissionais de jornalismo devem saber e o público deve exigir*. São Paulo; Geração editorial, 2003.

MACHADO, Elias. *La Estructura de la noticia em las redes digitales*. Un estudio de las consecuencias de las metamorfosis tecnológicas en el periodismo. Tese (Doutorado em Jornalismo)– Departamento de Periodismo y Ciencias de la Comunicación de la Univesidad Autónoma de Barcelona, 2000.

\_\_\_\_\_. *O Ciberespaço como fonte para os jornalistas*. Salvador; Calandra, 2003.

\_\_\_\_\_. *O Jornalismo Digital em Base de Dados*. Salvador; Calandra, 2006.

MACHADO, Elias. PALACIOS, Marcos. *Modelos de Jornalismo Digital*. Salvador; Calandra, 2003.

\_\_\_\_\_. *Um Modelo híbrido de pesquisa: a metodologia aplicada pelo GJOL*. In LAGO, Cláudia. BENETTI, Márcia (orgs). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis; Vozes, 2007.

FILHO, Ciro Marcondes. *A Saga dos Cães Perdidos*. 2ª Edição, São Paulo: Hacker Editores, 2002.

MARTINEZ ALBERTOS, José Luis. *El ocaso del periodismo*. Barcelona; Cims, 1997.

MATIAS, Alexandre. *O que a lógica do programador ea do jornalista tem em comum*. Link Estadão, 30 jun. 2012. Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/alexandre-matias/2012/06/30/o-que-a-logica-do-programador-e-a-do-jornalista-tem-em-comum/> . Acesso em: 15 ago. 2012

MANOVICH, Lev. *The language of new media*. Cambridge: MIT Press, 2001.

\_\_\_\_\_. *Software Takes Command*. 2008. Disponível em: [http://softwarestudies.com/softbook/manovich\\_softbook\\_11\\_20\\_2008.pdf](http://softwarestudies.com/softbook/manovich_softbook_11_20_2008.pdf). Acesso em: 15 abril 2012

MEDISTSCH, Eduardo. *O conhecimento do Jornalismo*. Florianópolis; Editora da UFSC, 1992.

MORGAINÉ, Daniel. *Diez Años para sobrevivir- El diario de massas de 1980*. Madrid: Editora Nacional, 1972.

PARK, Robert E. The natural history of the newspaper. In *The city. Suggestions for investigations of human*

behavior in the urban environment. London and Chicago. Chicago University Press, 1984, 663-79. 1a ed. 1925.

PARK, Robert E. *A notícia como uma forma de conhecimento*. IN: STEINBERG, Charles. Meios de Comunicação de Massa. São Paulo; Cultrix, 1972.

PAVLIK, John V. *Journalism and new media*. Nova Iorque; Columbia University Press, 2001.

QUINN, Stephen; LAMBLE, Stephen. *Online Newsgathering; research and reporting for journalism*. Oxford; Focal Press, 2008.

SALAVERRÍA, Ramón. *Redacción periodística en internet*. Pamplona; EUNSA, 2005.

\_\_\_\_\_. *Medios y periodistas, ¿un futuro compartido?* In: Cuadernos de Comunicación nº7: El Futuro del Periodismo. Madrid; Evoca, 2012.

SILVA, Daniela. *Jornalismo Hacker: um encontro para inspirar jornalistas (e pessoas) a serem hackers*. Apresentação realizada na oficina “Jornalismo Hacker” na Semana de Jornalismo Digital, 2012, Santos-SP.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. *Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo*. In: Revista da Universidade de São Paulo. Dossiê Cibercultura. (p.14 – 27) Jun./jul./ago. 2010.

SMITH, Anthony. *Goodbye Gutenberg. The revolution of newspaper in 1980's*. Nova York: Oxford University Press, 1980.

STALLMAN, Richard. *Free Software Free Society: selected essays of Richard Stallman*. Editado por Joshua Gay. Boston, GNU Press, 2002.

TRÄSEL, Marcelo. *Jornalismo guiado por dados: relações da cultura hacker com a cultura jornalística*. Artigo apresentado no XXII Encontro Anual da Compós, Universidade Federal da Bahia, 2013.